

A rua é nosso palco: Uma análise do projeto Teatro na Usina à luz das performances folkcomunicacionais e do desenvolvimento local em Bebelândia, Santa Rita (PB)

*Severino Alves de Lucena Filho¹
Ítalo Rômany de Carvalho Andrade²*

Submetido em: 24/10/2018

Aceito em: 25/06/2019

RESUMO

Este artigo analisa as performances folkcomunicacionais do projeto Teatro na Usina, na comunidade de Bebelândia, cidade de Santa Rita-PB. O objetivo é verificar como a iniciativa cultural colabora para o protagonismo, empoderamento e cidadania. O método aplicado é o de estudo de caso das encenações, durante o mês de novembro/2016, juntamente com entrevistas semiestruturadas, no intuito de revelar as vozes da comunidade acerca da proposta e das melhorias ocasionadas. As performances culturais, dentro do observado, contribuem para o desenvolvimento local, no tocante ao social e educacional.

PALAVRAS-CHAVE

Desenvolvimento local; Performances; Folkcomunicação; Educação.

The street is our stage: An analyze of the project Teatro na Usina in the light of folkcommmunications performances and local development in Bebelandia, Santa Rita - PB

ABSTRACT

¹ Professor Doutor do Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local (Posmex), da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). E-mail: recifrevo@uol.com.br.

² Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local (Posmex), da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), onde atuou dentro da linha de pesquisa Políticas e Estratégias de Comunicação. Jornalista formado pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). E-mail: idoroteias@gmail.com.

This paper analyses the folk-communication performances of project Teatro na Usina (Theater in the Plant), in the district of Bebelândia, Santa Rita city-PB, Brazil's northeast. The aim is to check how the cultural initiative cooperates with the protagonism, empowerment and citizenship. The applied method was a study case, during November/2016, including semi-structured interviews, with the intention of revealing the communities' voices about the proposal and improvements caused by project. The cultural performances, after the conclusions, contribute to the local development, within social and educational aspects.

KEYWORDS

Local development; Performances; Folk-communication; Education.

La calle es nuestro tablado: El análisis de las performances folkcomunicacionales y del desarrollo local del proyecto Teatro en la Usina en Bebelandia, Santa Rita - PB

RESUMEN

Este artículo analiza las performances folkcomunicacionales del proyecto Teatro en la Usina, en la comunidad de Bebelândia, ciudad de Santa Rita-PB, Noroeste de Brasil. El objetivo es verificar cómo la iniciativa cultural colabora con el protagonismo, empoderamiento y ciudadanía. El método aplicado fue del estudio de caso de las presentaciones, durante el mes de noviembre / 2016. Entrevistas semiestructuradas fueron realizadas con la intención de revelar las voces de la comunidad sobre la propuesta y de las mejoras ocasionadas. Las performances culturales, dentro del observado, contribuyen al desarrollo local, en los aspectos social y educacional.

PALABRAS CLAVE

Desarrollo local; Performances; Folkcomunicación; Educación.

Introdução

A apresentação estava marcada às 17h, mas era preciso chegar cedo para arrumar os cenários, os figurinos, afinar os últimos detalhes. Toda essa preparação tinha um motivo particular: o espetáculo não ia ocorrer em um teatro tradicional, com ar-condicionado, poltronas acolchoadas e iluminação cênica -, mas sim na zona rural, performatizada no meio da rua, no meio do povo.

O projeto Teatro na Usina, desenvolvido pela Companhia Paraíba de Dramas e Comédias,³ nasceu no ano de 2004, a partir de um processo pensado concomitantemente com a usina de cana-de-açúcar Destilaria Japungu, localizada na cidade de Santa Rita,⁴ a 20 km de João Pessoa, na Paraíba – como forma de melhorar a comunicação entre empresa e colaboradores. O objetivo, assim, era o de conscientizar o cortador sobre questões problemáticas enfrentadas no cotidiano, como também pelos familiares, a exemplo da segurança no trabalho, drogas, violência doméstica etc., utilizando uma linguagem que se aproximasse do dia a dia.

Os textos são criados a partir de entrevistas com os trabalhadores e os dirigentes da usina, para que as encenações possam refletir os problemas que estão dificultando a vida social de cada um em tal espaço de tempo. Foi dessa forma que surgiram as performances “Orgulho de ser cortador”, “Trabalhador que constrói o seu futuro”, “O trabalhador que se alimenta bem, saúde ele tem”, “Trabalhador exemplar que não gosta de faltar”, “Trabalhador consciente cuida da saúde e evita acidente”, entre outros.

A partir dos avanços dos índices sociais e de comportamento entre os cortadores, a Japungu resolveu ampliar o projeto para as comunidades adjacentes à usina, no intuito de trabalhar temas específicos, principalmente com os familiares e agregados dos funcionários da usina. Durante o Novembro Azul, a título de exemplo, é promovido uma campanha para conscientizar o homem sobre o exame da próstata. Assim, o grupo monta um pequeno espetáculo e apresenta-o na comunidade, no meio da rua ou em associações de moradores. As apresentações são realizadas conforme um calendário produzido pela assistência social da empresa.

Através desse estreitamento que foi fortalecido entre a usina, o grupo teatral e a comunidade, nas dimensões de cultura, poder e trabalho, as performances conseguem influir em ambientes marginalizados pela sociedade – ante toda uma questão social que há por trás desse direcionamento. Ao utilizar a mesma linguagem do receptor, neste caso o cortador de cana, a mensagem se difunde mais rapidamente. É o que defende Beltrão (1980), por

³ Fundado por Erivan Lima no ano de 2004, na cidade de João Pessoa. Desenvolveu espetáculos como “O Cabaré da Dera”, “Saltimbancos”, “Os Profetas da Comédia”, entre outros. Também tem atuação como teatro-empresa, utilizando a arte como instrumento de comunicação corporativa em treinamentos, eventos e congressos.

⁴ Localizada na Região Metropolitana de João Pessoa; segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE-2017), a cidade de Santa Rita tem uma população estimada de 136.851 habitantes.

exemplo, através da teoria da Folkcomunicação e dos estudos das relações da comunicação fora do sistema convencional.

Em outras palavras, a Folkcomunicação é, por natureza e estrutura, um processo artesanal e horizontal, semelhante em essência aos tipos de comunicação interpessoal já que suas mensagens são elaboradas, codificadas e transmitidas em linguagens e canais familiares à audiência, por sua vez conhecida psicológica e vivencialmente pelo comunicador, ainda que dispersa. (BELTRÃO, 1980, p. 26).

Neste estudo folkcomunicacional, é na comunidade que os laços de afinidade são construídos (TENÓRIO, 2007). Para tanto, os códigos utilizados entre os sujeitos estão presentes no cotidiano, na realidade social que cada um leva consigo. As relações de horizontalidade, a liberdade ocasionada pelo intrínseco, as diferenças singulares nos indivíduos, entre outros elementos, constituem, assim, uma amplitude maior, característica de cada grupo envolvido, na busca por uma identidade (BAUMAN, 2003).

O processo de valorização do endógeno é inerente às performatividades do Teatro na Usina, buscando situações que geram a autoestima e mudanças de comportamento, utilizando as diversas práticas da comunicação popular sob a ótica da “teatralização”. Para Desgranges (2001, p. 71), o teatro assume esse papel quando propõe uma “reflexão sobre os acontecimentos do seu dia-a-dia, e um novo olhar para estas situações, estimulando-os a fazerem e refazerem a história da comunidade.” É necessário, neste sentido, que exista o compartilhamento de experiências e conhecimentos entre os grupos envolvidos no processo. Boal (1982), por exemplo, acredita que o teatro deve libertar o espectador da passividade, tornando-o protagonista social.

A linguagem teatral possibilita, seja no drama ou na comédia, uma comunicação entrelaçada nos vínculos pessoais, perpassando a própria plástica da encenação, o que permite uma interação conjunta entre emissor e receptor, que neste caso são preenchidos por personagens e plateia, respectivamente.

Nosso objetivo foi o de analisar as performances folkcomunicacionais do projeto Teatro na Usina, na comunidade de Bebelândia, na cidade de Santa Rita-PB, no qual cerca de 70% dos moradores dependem diretamente ou indiretamente da usina, segundo informações passadas pela Japungu, já que há familiares que trabalham na empresa. Metodologicamente falando, é um estudo de caso, analisando as características das encenações que promovem o

desenvolvimento local, dentro da ambiência do social. Entrevistas semiestruturadas foram realizadas com dez moradores que assistiram ao espetáculo, no sentido de ampliar, por meio das vozes da comunidade, as nuances acerca do projeto. Fotografias foram feitas para ilustração. As observações aconteceram no mês de novembro de 2016.

Este artigo foi fruto da dissertação de Mestrado “Vozes da Usina: Análise do projeto Teatro na Usina à luz das Performances Folkcomunicacionais e dos Cenários do Desenvolvimento Local”, do Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local (Posmex), da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE).

Cenários das performances folkcomunicacionais

A Folkcomunicação, teoria que emerge na década de 1960, através dos estudos de Beltrão (1980), visa, dentro dos anseios da comunicação, a busca da identidade do popular nos indivíduos, principalmente àqueles que estão à margem do poder. No cotidiano, há diversas manifestações de cunho cultural, econômico, social e político, que constituem os sujeitos e seus comportamentos. São nos rituais, nas celebrações, nos enredos da vida que encontramos, assim, a semente de todo o processo folk.

A comunicação do povo está na construção de um mundo feito por agentes que fomentam o saber como memória, como resistência, instrumento de ação e de empoderamento, imbricados em diferentes sistemas não-convencionais. Por exemplo, temos as mensagens nos banheiros de escolas, com desenhos de órgãos genitais, frases de ódio e amor contra dirigentes, professores e outros profissionais. Para uns, é vandalismo. Mas é também uma forma de mostrar todas as angústias e desafios vividos, por meio de símbolos que muitas vezes não são decodificados pela sociedade.

Beltrão se deu conta que existem diferentes sistemas comunicacionais e que esses sistemas comunicacionais não são excludentes, assim como não são excludentes os diferentes níveis culturais e de desenvolvimento que a população de uma mesma nação experimenta, muito especialmente em sociedades com classes sociais muito diferenciadas, como é o caso do Brasil. Aliás, foi esse o grande mérito social e político da teoria de Luiz Beltrão: ela tornou possível estudar os sistemas comunicacionais não apenas das sociedades industrializadas, mas de todas as demais. (HOHLFELDT, 2012, p. 55).

Nesta conotação, buscamos ampliar a visão acerca da Folkcomunicação, partindo do conceito de Performances Culturais (CAMARGO, 2011), que na verdade é:

[...] um campo de conhecimento científico e artístico, interdisciplinar e multidisciplinar que visa compreender, através de diferentes abordagens, a diversidade expressiva humana, numa visão transcultural, transversal e transdisciplinar. Manifestações estas que, de forma institucionalizada ou espontânea, religiosa ou laica, representam um jogo simbólico de representações culturais. (CAMARGO, 2012, p. 7).

É a partir de tal fenômeno que evidenciamos este contexto para o campo da Folkcomunicação, no qual toda expressão, marca, símbolo e identidade visam passar uma mensagem (por um gesto, uma dança, uma encenação – artística ou não) através de uma representação social, constituindo “[...] o registro de uma unidade condensada de observação.” (CAMARGO, 2012, p. 5).

Nas feiras livres, as performances nas abordagens dos vendedores são exemplos de como a utilização de expressões pode chamar a atenção do público presente para que seja influenciado a comprar os produtos expostos.

[...] A performance da fala carrega a perspectiva de uma interpretação. Parte de uma afirmação incontestada de que, na comunicação oral, a capacidade de convencimento é maior, a possibilidade de constituição da veracidade é mais crível, sobretudo quando da utilização de recursos performáticos, o que aumenta o efeito de persuasão. (CAMARGO; REINATO; CAPEL, 2011, p. 13-14).

As performances estão presentes nos vários aspectos da vida, não somente no teatro – mas sim nas encenações do cotidiano que tocam e emocionam, assim como os “[...] rituais, cerimônias, celebrações religiosas em templos, festivais, casamentos, recitais, teatro, danças, concertos musicais, canções [...], textos verbalizados, poesia, cena, temas, enredos e conflitos (CAMARGO, 2012, p. 3)”. Na rua, por exemplo, DaMatta (2003) exalta toda a performatividade que existe por trás do espaço geográfico, sendo:

[...] acima de tudo entidades morais, esferas de ação social, províncias éticas dotadas de positividade, domínios culturais institucionalizados e, por causa disso, capazes de despertar emoções, reações, leis, orações, músicas e imagens esteticamente emolduradas e inspiradas. (DAMATTA, 2003, p. 14).

Sobre Performances Folkcomunicacionais, Souza, Andrade, [et al.] (2017) realizaram um trabalho no sentido de analisar como a Quadrilha Junina Tradição, oriunda do Morro da Conceição, localizado no Recife-PE, utiliza-se de tal mecanismo para levar aos palcos os

anseios sociais dos diversos grupos marginalizados da periferia, como as vozes da comunidade LGBT.

Essas esferas fazem refletir sobre o papel desses sujeitos na sociedade, fazendo críticas ao conservadorismo e à falta de políticas públicas nessas comunidades. A ocupação de espaços, os cenários, os figurinos, entre outros elementos, constroem como performance o empoderamento do discurso contra o preconceito. Na verdade, é a forma que os participantes escolheram para dizer: Sim, nós existimos. Em 2013, por exemplo, o grupo artístico trouxe como tema “Bilhete Premiado”. No lugar do casamento tradicional entre um homem e uma mulher, havia um casal gay que se beijava no final, rompendo a narrativa tradicional nos festejos juninos.

Desenvolvimento local: Espaços de protagonistas

Não há como entender o processo das performances folkcomunicacionais sem levar em questão muitas das análises acerca do desenvolvimento local, partindo da premissa do social como elemento de pluralismo, empoderamento e cidadania, nas diversas características que constituem um sujeito e sua atuação na comunidade. Para Jesus (2003), um dos principais desafios é proporcionar uma transformação e superação de dificuldades ante um modelo excludente capitalista. Por meio da articulação de grupos e indivíduos, da valorização do endógeno e dos saberes, há uma busca por uma melhora da autoestima, de comportamento.

Quando discutimos igualdade de renda, cultural local, entre outros assuntos, trazemos à tona o desenvolvimento no âmbito social, reconhecendo “os diversos sujeitos que compõem a sociedade, da busca pela igualdade de direitos e deveres, pela melhoria da qualidade de vida e pela equidade entre os gêneros e as gerações.” (PIRES; SOUZA LIMA, 2012, p. 21).

Para o desenvolvimento local, há um fenômeno horizontal, ou seja, as decisões vêm da própria comunidade, da solidariedade conjuntural criada com o intuito de fortalecer todas as pessoas que pertencem a tal local. Assim, o papel do humano é valorizado e ressaltado nesse processo.

As categorias para os estudos da área são amplas. Surgem, segundo Tenório (2007), nas relações de reciprocidade, comunidade, capital social, cooperação, fatores endógenos, convergência, governança local, entre outros. Dentro do projeto Teatro na Usina, quando nos referimos às apresentações em comunidades, o principal mote é a formação educacional, nas

nuances da cidadania, que fomenta o pensamento na percepção dos direitos e deveres de um sujeito.

Gohn (2003) corrobora a problemática, quando afirma que a participação cidadã não pode ser restringida somente ao direito ao voto. A mobilização, a igualdade entre os sujeitos, a construção de novos caminhos para uma realidade social mais igualitária etc. também são deveres de todos nós enquanto sociedade civil.

Para Boal (1982), na perspectiva da educação, o teatro deve ser usado como instrumento para libertar, de protagonizar os sujeitos que estão envolvidos no processo de dramatização de suas histórias. Enquanto indivíduo, estou coordenando os meus pensamentos, sou um espectador privilegiado, escritor do meu próprio texto. Portanto, a partir da consciência em torno desse conhecimento, é que há uma mudança de posicionamento e desconstrução crítica da realidade.

Destilaria Japungu

A Destilaria Japungu está localizada na Fazenda Japungu, no município de Santa Rita, a 20 km de João Pessoa, na Paraíba. Possui 46 mil hectares, sendo 27 mil destinados à plantação de cana-de-açúcar e oito mil à preservação ambiental. A localização vai da BR-101 (sentido João Pessoa/PB – Natal/RN), passando pela PB-025, caminho de Lucena-PB.

Foi fundada em agosto de 1980 pelo Banco Econômico e Agrofest, mas em 1989 foi vendida ao Grupo Cavalcante e Moraes. Todo o complexo é dividido em duas usinas, a Japungu e a Agroval, onde a primeira produz álcool e a segunda, açúcar. Hoje em dia, José Bolivar de Melo Neto comanda toda a estrutura industrial.

As duas usinas moem por ano aproximadamente 1,7 milhão de toneladas de cana, sendo 90 mil metros cúbicos de etanol produzidos. Mais da metade da colheita é mecanizada, não podendo ser totalmente, devido ao desnível de algumas áreas que impossibilitam o uso de máquinas para a realização do corte.

Por causa da mecanização, muitos cortadores foram demitidos ao longo dos anos, já que, segundo funcionários da empresa, uma máquina substitui em torno de 80 trabalhadores. Alguns estão sendo aproveitados para operar esses equipamentos, passando por um processo de capacitação.

Na safra 2017/2018, estão trabalhando no campo 615 cortadores, divididos em 14 grupos, segundo Guimarães (2017, informação verbal), que é dirigente agrícola da Japungu, onde trabalha há 22 anos. Complementa ainda que todos são homens, não há mulheres no corte. “Até a década de 1980, era comum ver mulheres no campo, para ajudar na renda de cada. Hoje, esse número caiu para zero.” (GUIMARÃES, 2017, informação verbal). Tal perspectiva pode ser compreendida pelo fato de os cortadores estarem ganhando bem melhor que antigamente. As mulheres ficaram em casa para cuidar dos filhos e dos roçados, onde plantam macaxeira, inhame, entre outros.

De 2016 para 2017, uma turma de 42 pessoas foi demitida; uns foram aproveitados, outros deixaram a empresa. No total, são mais de três mil funcionários, entre cortadores, motoristas, mecânicos, técnicos, entre outras atividades.

Performances em Bebelândia

Bebelândia é um distrito da cidade de Santa Rita. Não há informações do número de habitantes, nem da data de fundação, mas moradores locais acreditam em mais de três mil pessoas. Fica localizada na entrada de Forte Velho, na PB-011. É rodeada de canaviais; para chegar até a Destilaria Japungu, são 18 km de distância, 20 minutos de carro.

A origem do nome é desconhecida de muitos, mas diz a lenda que, quando era prefeito de Santa Rita, Marcus Odilon ficou encantado com a visita que fez à Disneylândia, nos Estados Unidos. Por isso, todos os bairros que inaugurava recebiam essa homenagem. Há seis localidades com o termino “lândia”, entre eles Cicerolândia e Augustolândia.

As únicas informações que constam sobre Bebelândia na internet (além do mapa e do CEP) são em relação a notícias sobre assassinatos de jovens. A falta de políticas públicas no bairro, como esgoto céu aberto, ruas sem calçamentos, além dos baixos índices educacionais na cidade também constituem o cenário periférico de Santa Rita. Dados do último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), realizado no ano de 2010, indica que 43,66% da população entre 15 e 17 anos tem o ensino fundamental completo. Já a proporção de jovens de 18 a 20 anos com ensino médio completo é de 28,65%. Entre aqueles que têm entre 18 e 24 anos, somente 6,11% estavam cursando o ensino superior em 2010 (BRASIL, 2010).

Dentro desse contexto, o projeto Teatro na Usina chega à localidade. As

apresentações ocorrem no meio da rua, em frente à Associação Comunitária e Desenvolvimento dos Trabalhadores Rurais (ACDTR). São colocadas diversas cadeiras, para que as pessoas não fiquem de pé, o que estimularia a dispersão.

A ideia era fazer uma manifestação cultural - numa espécie de acolhimento com a comunidade, no qual cerca de 70% dos moradores trabalham ou tem alguma relação direta ou indireta com a usina. O espaço da ACDTR funciona como um centro cultural, que oferece cursos de violão, de informática, no qual integrantes da comunidade podem usufruir gratuitamente. São 500 moradores cadastrados, mas somente 20 contribuem com a manutenção do espaço, pagando um valor simbólico de R\$ 5,00 mensalmente.

Segundo Patrícia Fernandes (2016, informação verbal), diretora da instituição, muitos dos projetos sociais que acontecem no espaço são patrocinados pela Japungu. A apresentação do dia tinha sido um pedido da própria comunidade para a usina.

Os moradores foram convidados a assistir ao espetáculo, que iria ocorrer às 17h, através de aplicativos de mensagens, como o WhatsApp. Uma hora antes, as rádios populares instaladas nos postes de luz começaram a anunciar que a peça teatral se iniciaria em breve, reforçando o convite que havia sido feito no celular. O horário também coincide com a saída dos estudantes das escolas adjacentes, além do término do horário de serviço dos trabalhadores da Japungu. Há toda uma colaboração dos próprios moradores para que o projeto possa alcançar um maior número de pessoas.

O elenco chegou por volta das 14h no local indicado. Devido à logística, todo o material precisa ser prático, consoante Erivan Lima, diretor dos espetáculos. Os cenários, por exemplo, são feitos de panos e retalhos, fazendo uma alusão à cultura popular.

Tudo tem que ser o mais simples possível, pois o importante aqui é a mensagem a ser passada. A gente se volta para o universo rural, mas na perspectiva atual. A casa do cortador tem hoje uma televisão de led, um bom rádio, um sofá bonito, tem tudo na casa deles. O que você tem na sua casa, eles podem ter também. A gente faz o cenário do cotidiano, que remeta ao rural, mas pegando resquícios da atualidade. É fantástico. São muito mais inteligentes que a gente. Usamos muitas imagens, cenários coloridos, eles gostam. Mas, se colocamos algo futurista, eles também vão curtir. (LIMA, 2017, informação verbal).

Cinco minutos antes de começar, os atores foram para fora para chamar a atenção da comunidade, que ainda não tinha chegado, utilizando músicas e muito barulho. Com a plateia cheia, estava na hora de a peça finalmente ser apresentada. A média é de 50 pessoas. A

maioria era crianças e mulheres - filhos, esposas e mães de trabalhadores da Destilaria Japungu.

O foco em si da apresentação era a questão do uso dos agrotóxicos, salientando que não se podia brincar com o produto. Era preciso também ter muito cuidado com embalagens vazias de veneno, para que as famílias não utilizassem elas no cotidiano da casa - deveriam ser destinadas às usinas, evitando intoxicações, já que podem acarretar em problemas para a saúde humana, animais e meio ambiente se forem descartadas de uma forma errada.

Figura 1 - Plateia assistindo ao espetáculo do projeto Teatro na Usina



Fonte: próprio autor

A apresentação foi performatizada através de músicas e danças populares, como o forró, o xaxado. “Com agrotóxico não se brinca não, o remédio é a prevenção”, dizia uma das letras da canção. A encenação começou com um dos personagens indo ao hospital, com sintomas de febre, vômito, dor de cabeça – uma alusão à intoxicação pelo veneno. O texto utiliza muito da linguagem popular e do humor para atrair o público.

Também foi usado um cenário de uma sala de aula, no qual o professor tentava explicar aos alunos da classe os efeitos do agrotóxico na agricultura, principalmente nos alimentos que eram consumidos pelas famílias. De certa forma, há uma contradição no discurso teatral, já que a usina utiliza o veneno na produção de cana-de-açúcar. Para tentar se aproximar ainda mais da realidade da comunidade, dois atores se vestem com fardas da empresa, representando um diálogo entre os trabalhadores sobre a questão, novamente, das

embalagens vazias de agrotóxicos que estavam dentro das casas das famílias - trazendo risco à saúde. Citam o caso, por exemplo, do cantor Leandro, da dupla Leandro e Leonardo, já que se especulou que a exposição direta a agrotóxicos, quando trabalhava como agricultor em sua juventude, poderia ter contribuído para a formação do tumor que levou à morte, em 1998.

Mas também houve discussões acerca da campanha Novembro Azul, que é dirigida aos homens para conscientização a respeito do diagnóstico precoce do câncer de próstata. A peça teatral ressaltava que era preciso que as famílias, principalmente as mulheres, incentivassem seus filhos e maridos acima de 40 anos a realizar o exame, para que houvesse a quebra do preconceito ante o procedimento médico.

No final do espetáculo, que durou em torno de 40 minutos, houve um debate realizado pela assistente social com a plateia, reforçando a mensagem passada pelas performances teatrais, respondendo as principais dúvidas que porventura poderiam surgir após a apresentação.

É perceptível que o teatro, a partir da linguagem utilizada, das encenações, dos objetos em cena, trazem para esse público uma forma de comunicação popular acessível e intrínseca ao cotidiano vivido por esses sujeitos. A exemplo da dona de casa Maria do Carmo (2016), de 63 anos, que, segundo ela, frequenta o projeto desde o início. “Nunca perdi uma apresentação. Acho bonito, porque explica muita coisa, ensina pra mulher cuidar da comida do marido.” (CARMO, 2016, informação verbal). Neste sentido, faz alusão ao preparo do almoço, em relação à quantidade de sal. Para ela, o teatro é importante para a comunidade, pois traz mensagens que ajudam a elucidar certos problemas vividos no cotidiano. “Meu filho trabalha na Japungu. O teatro é a forma que tenho de discutir certos temas com ele, a exemplo dessa questão dos agrotóxicos”, relata.

Carmo (2016) indica ainda que as mulheres, em geral, deveriam participar mais do espetáculo, conhecer melhor a usina e os projetos que existem. Um dos exemplos é sobre o desperdício. “O homem trabalha, bota coisa em casa e a esposa não zela. Estraga, joga fora. Quanto mais economizar, melhor, né?” Sobre os temas, confessa que as drogas foi o mais forte. “Porque tá mostrando muito a realidade que a gente vive, muita coisa errada.” (CARMO, 2016, informação verbal). Anailson dos Santos (2016), de 24 anos, trabalha na Japungu há cinco anos como zelador. Também acompanha o projeto do Teatro na Usina desde o começo. “É muito importante, e o que ele falou aí é tudo certo. Esses bujões a gente

tem que ter cuidado, para que nossos filhos não adoçam.” (SANTOS, 2016, informação verbal). Aprendeu na empresa como manejar os agrotóxicos, mas acredita que o teatro reforça a temática. A questão das drogas é um tópico, segundo Santos (2016), que poderia ser retratado em outros espetáculos do grupo. “No mundo das drogas, esses boyzinhos não quer nada com a vida. Fica dando trabalho aos pais. Isso não pode.” O jovem diz isso porque Bebelândia, na visão dele, vem enfrentando diversos casos de violência relacionado ao tráfico de drogas.

É através do teatro que muitos esperam que certos problemas da comunidade possam ser solucionados, ou, ao menos, reduzidos – a forma comunicacional utilizada é apontada como um fator preponderante nesse processo. A linguagem popular, do cotidiano, que se aproxima dos jovens, torna-se um “respiro” ante toda a exaustão trazida pelas desigualdades sociais que esses sujeitos enfrentam, a exemplo das drogas, da falta de saneamento básico, da violência que alenta aos moradores, do esquecimento das autoridades com esses grupos.

Figura 2 - Apresentação do projeto Teatro na Usina



Fonte: próprio autor

O cortador de cana-de-açúcar Tenório Barreto (2017), 49 anos, por exemplo, trabalha na Japungu desde o ano de 2002. Chegou a concluir a alfabetização, mas teve que ir para o canavial aos 12 anos. Sabe muito bem economizar o salário que ganha. Mas nem sempre foi assim. Confessa que gastava à toa, principalmente com bebida. Em casa, faltava de tudo.

Gastei muito dinheiro com bebida. Às vezes, você ia caçar alimento em casa e não tinha. A mulher reclamava: “Você saiu com aquele dinheiro”. E dizia que tinha gasto com os amigos. E fazia falta no outro dia. O teatro ajudou em muita coisa. (BARRETO, 2017, informação verbal).

Percebemos, dentro desse contexto, que um mal leva a outro. Ao ir para o bar gastar o dinheiro com bebidas e amigos, os filhos sofrem, porque não têm a presença do pai em casa; falta alimentos, já que a renda destinada às compras não existe mais. No trabalho, chega com indisposição, não produz, o que acarreta em um salário menor. A empresa, por não ter produtividade, demite o funcionário. A crise dentro de casa piora. Uma bola de neve que vai crescendo conforme vai rolando.

Considerações finais

O projeto Teatro na Usina, dentro dos anseios que propusemos observar, contribui com o processo de desenvolvimento local, no aspecto da cidadania (no que tange às questões em torno da conscientização de direitos e deveres) e de comportamento, em relação às nuances acerca da educação (nos diversos aspectos, como economia, alimentação, entre outros).

A própria comunidade anseia pelos espetáculos. Nos bastidores, conversam com os atores, ajudam na divulgação, chamam os vizinhos para assistir. Diante dos problemas pessoais, o teatro ajuda a divertir, a pensar, a questionar o papel de cada um na sociedade.

Sabemos que a Japungu tem um papel importante em Bebelândia. Muitos dependem dela financeiramente, já que, como abordamos neste artigo, há moradores e familiares que trabalham na usina. Mas até que ponto isso afeta na relação entre empresa e comunidade? Quais outras oportunidades os jovens, por exemplo, têm na região? Ir para o corte de cana, ante o desemprego que assola o país, é uma opção. E as outras?

O desenvolvimento local, no tocante ao social, é ressaltado aqui por meio do processo de educação, em relação ao comportamento diante de temas conjunturais para Bebelândia, debatendo certas problemáticas vividas por todo integrante. As melhorias alcançadas estão presentes nas falas que escutamos, evidenciando, assim, a importância do projeto dentro desses pontos levantados. A discussão em torno das embalagens de agrotóxicos, a título de exemplo, é uma preocupação constante, por causa dos casos de intoxicação que já ocorreram.

Além disso, ao levar esses temas para a comunidade, há também uma relação intrínseca que é construída, aproximando os laços presentes no canavial.

As performances folkcomunicacionais ampliam o horizonte de tais temáticas, estimulando uma nova consciência. Porém, é preciso também ir mais longe, lutando por melhorias sociais. Aqui, o papel delas é chamar os moradores para se conscientizarem acerca de questionamentos que estão presentes ao redor. É ter sim uma atuação política, vendo o território como parte do cotidiano, indagando, sobretudo, os desafios pertinentes na periferia. Sabemos que há uma relação capitalista envolvida (empresa-funcionários), mas como estes sujeitos podem romper essa “dependência”? É preciso fazer uma reflexão mais profunda. Acreditamos que a Japungu pode contribuir com esse processo. Uma depende da outra, uma tem responsabilidade sobre a outra.

Referências bibliográficas

BARRETO, Tenório. **Tenório Barreto**: depoimento [julho 2017]. Entrevistador: Ítalo Rômany de Carvalho Andrade. Santa Rita-PB: 2017. Entrevista concedida para a dissertação *Voices do Canavial: Análise do projeto Teatro na Usina à luz das Performances Folkcomunicacionais e dos cenários do Desenvolvimento Local*.

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade**: a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação**: a comunicação dos marginalizados. São Paulo: Cortez, 1980.

BOAL, Augusto. **200 exercícios e jogos para o ator e o não-ator com vontade de dizer algo através do teatro**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

BRASIL. IBGE. **Censo Demográfico**, 2010. Disponível em: <
http://mapasinterativos.ibge.gov.br/atlas_ge/brasil1por1.html>. Acesso em: 24 out. 2017.

CAMARGO, Robson Corrêa. O texto espetacular: performances, teatro, performances teatro. In: CAMARGO, Robson Corrêa; REINATO, Eduardo José; CAPEL, Heloísa Selma Fernandes (Org.). **Performances Culturais**. São Paulo: Hucitec; Goiânia: PUC-GO, 2011.

_____. Performances Culturais, os limiars de uma nova tradição. In: **Anais do VII Congresso da ABRACE**. Porto Alegre, 2012. Disponível em: <
<http://www.portalabrace.org/viicongresso/completos/textosmesas/Mesa%20VIII%20-%20Performances%20Culturais%20CAMARGO%20Correa.pdf>>. Acesso em: 09 jun. 2017.

_____; REINATO, Eduardo José; CAPEL, Heloísa Selma Fernandes (Org.). **Performances Culturais**. São Paulo: Hucitec; Goiânia: PUC-GO, 2011.

CARMO, Maria do. **Maria do Carmo**: depoimento [novembro 2016]. Entrevistador: Ítalo Rômamy de Carvalho Andrade. Santa Rita-PB: 2016. Entrevista concedida para a dissertação *Vozes do Canavial: Análise do projeto Teatro na Usina à luz das Performances Folkcomunicacionais e dos cenários do Desenvolvimento Local*.

DAMATTA, R. **A casa e a rua**: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

DESGRANGES, Flávio. **A pedagogia do teatro**: provocação e dialogismo. São Paulo: Hucitec, 2001.

FERNANDES, Patricia. **Patricia Fernandes**: depoimento [novembro 2016]. Entrevistador: Ítalo Rômamy de Carvalho Andrade. Santa Rita-PB: 2017. Entrevista concedida para a dissertação *Vozes do Canavial: Análise do projeto Teatro na Usina à luz das Performances Folkcomunicacionais e dos cenários do Desenvolvimento Local*.

GOHN, Maria da Glória (Org.). **Movimentos sociais no início do século XXI**: antigos e novos atores sociais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

GUIMARÃES, Dante. **Dante Guimarães**: depoimento [maio 2017]. Entrevistador: Ítalo Rômamy de Carvalho Andrade. Santa Rita-PB: 2017. Entrevista concedida para a dissertação *Vozes do Canavial: Análise do projeto Teatro na Usina à luz das Performances Folkcomunicacionais e dos cenários do Desenvolvimento Local*.

HOHLFELDT, Antônio. Pesquisa em Folkcomunicação: Possibilidades e Desafios. In: LOPES FILHO, Boanerges Balbino *et al.* **A Folkcomunicação no limiar do século XXI**. Juiz de Fora: UFJF, 2012.

JESUS, Paulo de. Desenvolvimento Local. In: CATTANI, A. (Org.). **A outra Economia**. Porto Alegre: Vaz Editores, 2003.

LIMA, Erivan. **Erivan Lima**: depoimento [maio 2017]. Entrevistador: Ítalo Rômamy de Carvalho Andrade. João Pessoa-PB: 2017. Entrevista concedida para a dissertação *Vozes do Canavial: Análise do projeto Teatro na Usina à luz das Performances Folkcomunicacionais e dos cenários do Desenvolvimento Local*.

PIRES, Alexandre Henrique Bezerra; SOUZA LIMA, Irenilda de. A abordagem agroecológica na extensão rural: ferramenta político-metodológica para reflexões sobre o desenvolvimento local. In: SOUZA LIMA, Irenilda de (Org.). **Extensão Rural e o desenvolvimento local**: uma proposta metodológica para a relação da teoria com a prática. Recife: UFRPE, 2012.

SANTOS, Anailson dos. **Anailson dos Santos**: depoimento [novembro 2016]. Entrevistador: Ítalo Rômamy de Carvalho Andrade. Santa Rita-PB: 2016. Entrevista concedida para a

dissertação Vozes do Canavial: Análise do projeto Teatro na Usina à luz das Performances Folkcomunicacionais e dos cenários do Desenvolvimento Local.

SOUZA, Giselle Gomes da Silva Prazeres; ANDRADE, Ítalo Rômany de Carvalho; LUCENA FILHO, Severino Alves de; MAUX, Suelly. Anarriê, Alavantu: Performances Folkcomunicacionais promotoras do Desenvolvimento Local na Quadrilha Junina Tradição – Recife, PE. **Revista Internacional da Folkcomunicação (RIF)**. Ponta Grossa: Vol. 15, n.34, Janeiro/Junho 2017.

TENÓRIO, Fernando G. (Org.). **Cidadania e Desenvolvimento Local**. Rio de Janeiro: FGV; Ijuí: Unijuí, 2007.